

Introdução às Pilhas

A ideia de "pilhas" surgiu inicialmente na década de 1940-1950 na concepção de **máquinas de execução sequencial**.

- **Alan Turing** já sugeria a necessidade de armazenamento de estado.
- A primeira implementação explícita de pilha em hardware foi na **Burroughs B5000** — um dos primeiros computadores baseados em stack machine.
- Em linguagens de programação, **Forth** (1970) e **PostScript** (1982) usam pilhas como mecanismo central.

Filosoficamente, pilhas representam o conceito de **memória temporária**, uma ideia associada ao raciocínio humano de curta duração: fazemos "empilhamento" de ideias e desfazemos conforme resolvemos.

Em ciência da computação, uma **pilha** (do inglês, *stack*) é uma **estrutura de dados abstrata** (ADT — Abstract Data Type) que **organiza elementos** segundo o princípio **LIFO** — *Last In, First Out*, ou seja: **o último elemento inserido é o primeiro a ser removido**.

Pilhas aparecem naturalmente em problemas de controle de fluxo, execução de programas, recursão, processamento de expressões e mais.

Pilhas são interessantes pois:

- Promovem **localidade de referência**: último dado inserido é o primeiro a ser removido → isso é excelente para cache e eficiência de memória.
- Modelam naturalmente **fluxos hierárquicos**: ao empilhar chamadas de funções, é como se você caminhasse numa árvore de decisão de forma controlada.

Em execução real, esse comportamento gera **chamadas recursivas controladas** — como em algoritmos de busca em profundidade (**DFS** — *Depth First Search*), onde o próprio sistema simula uma pilha.

- Modelam o **comportamento temporal** das tarefas humanas e máquinas.
- Permitem a **gerência controlada** de memória de forma previsível.
- São base para **estruturas de dados mais complexas** (por exemplo, parsing tables, caches, controladores de execução).
- Sua simplicidade de implementação as torna **robustas** e fáceis de analisar.

Definição Formal

Uma pilha S é um conjunto ordenado de elementos sobre o qual são definidas **duas operações fundamentais**:

1. **push(x)**: insere um elemento x no topo da pilha.
2. **pop()**: remove o elemento do topo da pilha.

Além disso, existem operações auxiliares, como:

- **top()** ou **peek()**: retorna o elemento do topo **sem removê-lo**.
- **isEmpty()**: verifica se a pilha está vazia.
- **size()**: retorna o número de elementos na pilha.

Matematicamente, podemos modelar uma pilha como uma sequência:

$$S = [s_1, s_2, \dots, s_n]$$

onde s_n é o **topo** da pilha.

As operações então podem ser descritas:

- $\text{push}(S, x) = S \cup \{x\}$ com x sendo adicionado no final.
- $\text{pop}(S) = (S', x)$, onde S' é S sem o último elemento x .

Propriedades Fundamentais

- **Ordem:** Só é possível acessar o **último** elemento inserido.
- **Restrição de Acesso:** Não se pode "pular" elementos no meio.
- **Operações em Tempo Constante:** Normalmente, as operações push e pop são realizadas em $O(1)$.

Pilhas e Lógica Formal

Em lógica matemática, pilhas aparecem como **estruturas de memória** para **cálculos com escopo**, como:

- Avaliação de expressões aritméticas (*por exemplo, notação pós-fixada — RPN*).
- Análise sintática de linguagens formais (*gramáticas livres de contexto*).

Existem também **máquinas de pilha** (*stack machines*), onde a execução de programas é baseada unicamente em operações de pilha. Exemplo: a máquina da linguagem **Postfix**.

Formalmente, uma **máquina de pilha** é um tipo de **autômato** — mais precisamente, um **Autômato com Pilha** (*Pushdown Automaton — PDA*), usado para reconhecer linguagens livres de contexto:

$$\text{PDA} = (Q, \Sigma, \Gamma, \delta, q_0, Z_0, F)$$

onde:

- Q é o conjunto de estados.
- Σ é o alfabeto de entrada.
- Γ é o alfabeto da pilha.
- δ é a função de transição $Q \times (\Sigma \cup \{\epsilon\}) \times \Gamma \rightarrow \mathcal{P}(Q \times \Gamma^*)$.

- q_0 é o estado inicial.
- Z_0 é o símbolo inicial da pilha.
- F é o conjunto de estados finais.

Essa estrutura formal é usada para, por exemplo, **reconhecer sintaxe de linguagens de programação**.

Pilhas na Análise de Algoritmos

Eficiência: Pilhas são ótimas para armazenar dados temporários porque:

- Inserções e remoções são rápidas: $O(1)$.
- Não há necessidade de reorganizar elementos.

Espaço: Em algoritmos recursivos, a pilha de chamadas pode crescer até $O(d)$, onde d é a **profundidade da recursão**.

Aplicações Clássicas

1. Avaliação de expressões:

- Expressões infixas (normais) podem ser transformadas em posfixas e avaliadas usando pilhas.

2. Backtracking:

- Exploração de soluções (ex.: labirintos, sudoku).
- Pilha armazena o caminho atual.

3. Controle de execução de programas:

- Pilha de chamadas (call stack) em linguagens de programação.
- Cada função chamada empilha um novo quadro de ativação (activation record).

4. Desfazer operações (undo):

- Cada operação é empilhada; desfazer remove o último comando.

5. Compiladores e interpretadores:

- Análise sintática via parsing top-down usa pilhas.
-

Aplicações Não Óbvias de Pilhas

Além dos usos clássicos, pilhas aparecem em problemas mais sofisticados:

1. Algoritmo de Tarjan (1972)

- Para encontrar componentes fortemente conexos em grafos direcionados.
- Pilha é usada para rastrear o caminho na DFS.

2. Sistema de Compilação e Parsing

- Algoritmos LR(1), LALR usam pilhas para armazenar estados de parsing enquanto leem tokens da entrada.

3. Algoritmos de Área Máxima de Histograma

- Problema clássico: calcular a maior área retangular em um histograma em tempo linear.
- Solução baseada em manter uma pilha de índices.

4. Redução de Espaço de Algoritmos Recursivos

- DFS recursivo → DFS iterativo usando pilha explícita para reduzir riscos de *stack overflow* real.

Exemplos Matemáticos

1. Pilha de Expressões Aritméticas

Exemplo de avaliação posfixa (notação polonesa reversa — RPN):

Expressão:

\$
3\ 4\ 5\ *\ +
\$

Processo com pilha:

- Push(3)
- Push(4)
- Push(5)
- Pop(5), Pop(4), calcula $4*5 = 20$, Push(20)
- Pop(20), Pop(3), calcula $3+20=23$

Resultado final: **23**.

2. Relação com Álgebra de Dados

Formalmente, a pilha pode ser representada por uma **álgebra universal** com as seguintes operações:

- \$push: $E \times S \rightarrow S$
- \$pop: $S \rightarrow S \times E$
- \$top: $S \rightarrow E$
- \$empty: $S \rightarrow \text{bool}$

onde E é o conjunto de elementos, e S é o conjunto de estados da pilha.

Estruturas Físicas de Implementação

Internamente, pilhas podem ser implementadas de várias formas:

- **Arranjos (Vetores):** Uso de um array e um índice para o topo.
- **Listas Ligadas:** Cada nó aponta para o próximo elemento da pilha.

Cada abordagem tem vantagens em espaço e flexibilidade.

Considerações Avançadas

- **Pilhas de Capacidade Fixa:** Quando implementadas com arrays, podem ter tamanho limitado — cuidado com *stack overflow*.
 - **Pilha Dinâmica:** Uso de listas ligadas permite crescimento dinâmico.
 - **Pilha de Pilhas:** Estruturas compostas onde cada elemento da pilha é outra pilha — usada em alguns algoritmos avançados.
-

Análise de Complexidade — Custo Amortizado

Além da análise clássica de complexidade por operação $O(1)$, existe um conceito importante: **análise amortizada**.

- Se o array da pilha dobra de tamanho quando cheio (resizing dinâmico), o custo do *resize* é $O(n)$.
- Porém, no longo prazo, a média por operação continua sendo $O(1)$.

Formalmente:

$$\text{Custo amortizado} = \frac{\text{Custo total das operações}}{\text{Número de operações}}$$

Este tipo de análise é fundamental em algoritmos sofisticados, como:

- Estruturas de dados dinâmicas (pilhas em vetores redimensionáveis).
 - Estratégias de expansão de memória.
-

Variações de Pilhas

Existem várias **extensões** da ideia de pilha:

Estrutura	Descrição
Deque (<i>Double-Ended Queue</i>)	Permite inserções/remoções em ambos os extremos.
Pilhas múltiplas em um array	Dividem um vetor para várias pilhas (eficiência de espaço).
Pilhas persistentes	Cada modificação gera uma nova versão da pilha (funciona em ambientes imutáveis — importante para programação funcional).

Estrutura	Descrição
Pilhas limitadas	Pilhas com tamanho máximo fixo, usadas em controladores ou sistemas embarcados.
Pilhas de prioridade	Mesclam ideia de pilha com fila de prioridade — não é comum, mas útil em certos algoritmos de scheduling.

Relações Teóricas com Outras Estruturas

- **Fila (Queue):** contrário da pilha — FIFO (First In, First Out).
- **Deque:** generalização da pilha e fila.
- **Heap:** estrutura de árvore que pode ser vista como uma generalização da pilha (em termos de prioridades).

Teoria de Computação:

- Autômatos com Pilha (PDA) \neq Autômatos Finitos (FA)
 - FA são mais fracos: não conseguem reconhecer linguagens com estruturas balanceadas (ex.: palíndromos, expressões com parênteses balanceados).
 - PDA usa a pilha para lembrar profundidade de chamadas ou agrupamentos.
- Linguagens livres de contexto (CFLs) \neq linguagens regulares justamente por causa da capacidade de "memória" que a pilha dá.

Conceito	Descrição
Princípio	LIFO — Last In, First Out
Operações principais	push, pop, top, isEmpty
Complexidade	$O(1)$ em push e pop
Modelagem Matemática	Sequência ordenada e função de transição
Aplicações	Avaliação de expressões, execução de programas, parsing de linguagens, backtracking
Extensões	Deque, pilhas múltiplas, pilhas persistentes

Exemplo de Pilha em C — Com Explicação Detalhada

Primeiro: Estrutura de Dados

Antes de tudo, precisamos representar a pilha.

Em C, usaremos **structs** para criar o conceito de "pilha".

```
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>

#define MAX 100 // tamanho máximo da pilha

typedef struct {
    int itens[MAX]; // array para armazenar os elementos
    int topo;       // índice do elemento no topo
} Pilha;
```

Explicação:

- **MAX** define o tamanho máximo da pilha.
- **itens[MAX]** é um array de inteiros onde vamos guardar os dados.
- **topo** é um número inteiro que aponta para o último elemento adicionado.
 - Se a pilha estiver vazia, **topo = -1**.

Segundo: Inicializar a Pilha

Precisamos de uma função para inicializar a pilha.

```
void inicializar(Pilha *p) {
    p->topo = -1; // indica que a pilha está vazia
}
```

Explicação:

- Quando inicializamos, o topo fica em (-1), porque ainda **não há elementos** na pilha.

Terceiro: Verificar se a Pilha Está Vazia ou Cheia

Essas funções ajudam a evitar erros.

```
int estaVazia(Pilha *p) {
    return p->topo == -1;
}

int estaCheia(Pilha *p) {
    return p->topo == MAX - 1;
}
```

Explicação:

- **Vazia:** Se topo == -1, então não tem elementos.
 - **Cheia:** Se topo == MAX - 1, então o array está cheio.
-



Quarto: Inserir um Elemento na Pilha (Push)

```
void push(Pilha *p, int valor) {
    if (estaCheia(p)) {
        printf("Erro: Pilha cheia!\n");
        return;
    }
    p->topo++; // move o topo para o próximo espaço
    p->itens[p->topo] = valor; // coloca o valor no topo
}
```



Explicação:

- Antes de inserir, verificamos se a pilha está cheia.
 - Se não estiver cheia, incrementamos o topo e colocamos o novo valor.
-



Quinto: Remover um Elemento da Pilha (Pop)

```
int pop(Pilha *p) {
    if (estaVazia(p)) {
        printf("Erro: Pilha vazia!\n");
        exit(1); // encerra o programa em caso de erro
    }
    int valor = p->itens[p->topo]; // pega o valor do topo
    p->topo--; // remove o elemento (desce o topo)
    return valor;
}
```



Explicação:

- Antes de remover, verificamos se a pilha está vazia.
 - Retornamos o elemento no topo e depois **decrementamos o topo**.
-



Sexto: Ver o Elemento no Topo (Peek)

```
int peek(Pilha *p) {
    if (estaVazia(p)) {
        printf("Erro: Pilha vazia!\n");
        exit(1);
    }
}
```



```
    return p->itens[p->topo];  
}
```

Explicação:

- **peek** olha o valor no topo sem remover.
- É como perguntar: "Quem está no topo agora?"

Sétimo: Exemplo de Uso

Agora vamos usar tudo isso!

```
int main() {  
    Pilha minhaPilha;  
    inicializar(&minhaPilha);  
  
    push(&minhaPilha, 10);  
    push(&minhaPilha, 20);  
    push(&minhaPilha, 30);  
  
    printf("Topo da pilha: %d\n", peek(&minhaPilha)); // Deve imprimir  
30  
  
    printf("Elemento removido: %d\n", pop(&minhaPilha)); // Remove 30  
    printf("Novo topo: %d\n", peek(&minhaPilha)); // Agora deve ser 20  
  
    return 0;  
}
```

Explicação:

- Criamos a pilha.
- Inserimos 3 elementos: 10 → 20 → 30.
- Vemos o topo: 30.
- Removemos (pop): sai 30.
- Vemos o novo topo: agora 20.

Resumo Visual da Pilha Durante a Execução:

1. push(10)

```
[10]  
topo → 0
```

2. **push(20)**

```
[10, 20]  
topo → 1
```

3. **push(30)**

```
[10, 20, 30]  
topo → 2
```

4. **peek()** → 30

5. **pop()** → remove 30

6. **peek()** → 20

Perfeito!

Agora vou montar a **versão dinâmica da pilha em C**, usando **ponteiros** e **alocação dinâmica** (**malloc** e **free**), explicando cada passo de maneira detalhada, como um professor faria.

Essa versão é **mais poderosa**: ela não tem um limite fixo de tamanho (não fica presa a um **#define MAX**).



Pilha Dinâmica em C — Passo a Passo



Primeiro: Estrutura da Pilha Dinâmica

```
#include <stdio.h>  
#include <stdlib.h>  
  
// Estrutura do nó da pilha  
typedef struct No {  
    int dado;           // dado armazenado  
    struct No *proximo; // ponteiro para o próximo nó  
} No;  
  
// Estrutura da pilha  
typedef struct {  
    No *topo; // ponteiro para o topo da pilha  
} Pilha;
```

Explicação:

- Um **nó** (**No**) guarda um valor (**dado**) e aponta para o próximo nó (**proximo**).
- A **pilha** mantém apenas um ponteiro para o **topo**.
- Cada novo elemento é um **novo nó** na memória.

Segundo: Inicializar a Pilha

```
void inicializar(Pilha *p) {  
    p->topo = NULL; // pilha começa vazia  
}
```

Explicação:

- **NULL** significa que não há nenhum nó ainda.

Terceiro: Inserir Elemento (Push)

```
void push(Pilha *p, int valor) {  
    No *novoNo = (No *)malloc(sizeof(No)); // aloca memória para o novo  
    nó  
    if (novoNo == NULL) {  
        printf("Erro de alocação de memória!\n");  
        exit(1);  
    }  
  
    novoNo->dado = valor;           // coloca o valor no nó  
    novoNo->proximo = p->topo;     // o novo nó aponta para o antigo  
    topo  
    p->topo = novoNo;             // atualiza o topo da pilha  
}
```

Explicação:

- **malloc** cria espaço para um novo nó.
- O novo nó guarda o valor e aponta para o topo anterior.
- O topo da pilha passa a ser o novo nó.
- Cada **push** **cresce** a pilha **para cima**.

Quarto: Remover Elemento (Pop)

```

int pop(Pilha *p) {
    if (p->topo == NULL) {
        printf("Erro: Pilha vazia!\n");
        exit(1);
    }

    No *temp = p->topo;           // guarda o nó atual
    int valor = temp->dado;       // guarda o valor para retornar
    p->topo = temp->proximo;       // move o topo para o próximo nó
    free(temp);                  // libera a memória do nó removido
    return valor;
}

```

Explicação:

- Guarda o topo atual.
- Atualiza o topo para o próximo nó.
- Libera a memória do nó que foi removido.
- Retorna o valor.

Quinto: Ver o Elemento no Topo (Peek)

```

int peek(Pilha *p) {
    if (p->topo == NULL) {
        printf("Erro: Pilha vazia!\n");
        exit(1);
    }
    return p->topo->dado;
}

```

Explicação:

- Só lê o valor no topo, sem remover.

Sexto: Função para Liberar Toda a Pilha

```

void liberarPilha(Pilha *p) {
    while (p->topo != NULL) {
        No *temp = p->topo;
        p->topo = temp->proximo;
        free(temp);
    }
}

```

```
}  
}
```

Explicação:

- Percorre todos os nós e libera um a um.
- Muito importante para **evitar vazamentos de memória**.

Sétimo: Exemplo de Uso

```
int main() {  
    Pilha minhaPilha;  
    inicializar(&minhaPilha);  
  
    push(&minhaPilha, 10);  
    push(&minhaPilha, 20);  
    push(&minhaPilha, 30);  
  
    printf("Topo da pilha: %d\n", peek(&minhaPilha)); // Deve mostrar 30  
  
    printf("Elemento removido: %d\n", pop(&minhaPilha)); // Remove 30  
    printf("Novo topo: %d\n", peek(&minhaPilha)); // Deve mostrar 20  
  
    liberarPilha(&minhaPilha); // Libera toda a memória alocada  
  
    return 0;  
}
```

Resumo Visual da Pilha Dinâmica

Cada elemento é uma **célula conectada**:

Antes de `pop()`:

Topo → [30] → [20] → [10] → NULL

Depois de `pop()`:

Topo → [20] → [10] → NULL

Cada [valor] é um nó (struct No).

Principais Diferenças entre Pilha Estática e Dinâmica

Aspecto	Pilha Estática	Pilha Dinâmica
Limite	Fixo (MAX)	Flexível (até memória acabar)
Memória	Contígua (array)	Espalhada (nós separados)
Implementação	Simples	Mais complexa (ponteiros, malloc/free)
Uso de memória	Pode desperdiçar espaço	Uso eficiente

Conclusão

Pilhas são uma das **estruturas fundamentais** da ciência da computação, com aplicações teóricas (autômatos, gramáticas) e práticas (execução de programas, algoritmos).

Sua simplicidade e eficiência fazem delas uma ferramenta essencial para estruturar tanto dados quanto processos.

Filas

Introdução

O conceito de fila não nasceu diretamente com a Ciência da Computação. Ele surgiu inicialmente na matemática aplicada, especialmente na análise de sistemas de espera no final do século XIX e início do XX.

O matemático dinamarquês Agner Krarup Erlang (1878–1929) é considerado o "pai" da teoria das filas. Ele desenvolveu fórmulas para calcular a capacidade de centrais telefônicas, preocupando-se com o número de chamadas simultâneas e tempos de espera.

Depois disso, nos anos 50–60, a teoria se popularizou com o desenvolvimento de sistemas computacionais e redes.

Na Ciência da Computação moderna, filas começaram a ser tratadas como uma estrutura de dados padrão na década de 1960, quando linguagens como ALGOL e C começaram a precisar de mecanismos organizados para controle de fluxos de dados.

Em Ciência da Computação, **fila** é uma estrutura de dados abstrata que armazena uma sequência de elementos, seguindo a **ordem de chegada** para o processamento. A principal regra da fila é:

FIFO – *First In, First Out* (o primeiro a entrar é o primeiro a sair).

Ou seja, o primeiro elemento inserido na fila será o primeiro a ser removido.

Exemplos da vida real:

- Uma fila no supermercado: quem chega primeiro, é atendido primeiro.
- Impressão de documentos: o primeiro documento enviado é o primeiro a ser impresso.

Operações Fundamentais em uma Fila

As operações básicas são:

- **enqueue(x)**: adiciona o elemento **x** no final da fila.
- **dequeue()**: remove e retorna o elemento que está no início da fila.
- **peek()** ou **front()**: retorna o elemento do início da fila sem removê-lo.
- **isEmpty()**: verifica se a fila está vazia.

Existem também variações:

- **size()**: retorna o número de elementos na fila.
- **isFull()**: usada em filas com capacidade limitada.

Representação Matemática da Fila

Formalmente, podemos modelar uma fila como um **par ordenado** (F, R) , onde:

- F (frente, front) é o índice ou posição do primeiro elemento.
- R (retaguarda, rear) é o índice ou posição do último elemento.

Se pensarmos em um vetor Q que armazena os elementos:

- **enqueue(x)**: $R \leftarrow R + 1$, $Q[R] \leftarrow x$
- **dequeue()**: retorna $Q[F]$ e $F \leftarrow F + 1$

Em implementações mais sofisticadas (como filas circulares), os índices F e R são tratados **modularmente**:

$$\text{novο índice} = (\text{índice atual} + 1) \bmod \text{capacidade}$$

para evitar estouro de memória e aproveitar melhor o espaço.

Tipos de Filas

Existem **variações** da estrutura básica de fila:

Tipo	Descrição
Fila simples	Segue estritamente o FIFO.

Tipo	Descrição
Fila circular	O último elemento se conecta ao primeiro, formando um ciclo. Evita desperdício de espaço.
Fila dupla (Deque)	Permite inserção e remoção em ambas as extremidades.
Fila de prioridade	Cada elemento tem uma prioridade, e o dequeuing retira o elemento de maior prioridade.
Fila assíncrona	Permite comunicação entre processos de maneira segura, muito usada em sistemas concorrentes.

Complexidade de Tempo das Operações

Operação	Tempo (fila com array)	Tempo (fila com lista ligada)
enqueue	$O(1)$	$O(1)$
dequeue	$O(1)$	$O(1)$
peek	$O(1)$	$O(1)$

Tanto em vetor como em lista ligada, as operações principais são $O(1)$ — **tempo constante**.

Obs: se a fila for implementada com redimensionamento dinâmico de array (como listas dinâmicas), o **enqueue** pode ter **tempo amortizado**.

Aplicações de Filas

As filas aparecem em muitos algoritmos e sistemas, como:

- **Sistemas de impressão** (gerenciamento de tarefas)
- **Rede de computadores** (pacotes de dados aguardam em filas)
- **Sistemas operacionais** (escalonamento de processos)
- **BFS (Busca em Largura em grafos)** — usa fila para visitar vértices na ordem correta.
- **Simulações** (modelagem de supermercados, aeroportos etc.)
- **Sistemas de mensagens** (RabbitMQ, Kafka, SQS)

Modelagem Matemática de Filas: Teoria das Filas

Quando se fala de filas em **sistemas reais**, especialmente em computação distribuída, redes e engenharia, entra a chamada **Teoria das Filas**.

Teoria das Filas é um ramo da matemática aplicada que estuda o comportamento de filas.

Modelo Básico: Sistema M/M/1

O modelo mais básico é o **M/M/1**:

- **M** (Markoviano): chegada dos clientes é um processo de Poisson (taxa λ).
- **M** (Markoviano): tempo de atendimento é exponencial (taxa μ).
- **1**: há apenas um servidor.

Características:

- Tempo entre chegadas é distribuído exponencialmente.
- Tempo de atendimento também é distribuído exponencialmente.

As métricas principais são:

- **Taxa de chegada:** λ (clientes por unidade de tempo)
- **Taxa de serviço:** μ (clientes atendidos por unidade de tempo)

Fórmulas Importantes:

1. Utilização do sistema:

\$

$$\rho = \frac{\lambda}{\mu}$$

\$

(ρ deve ser menor que 1 para o sistema ser estável.)

2. Número médio de clientes na fila:

\$

$$L_q = \frac{\rho^2}{1 - \rho}$$

\$

3. Tempo médio de espera na fila:

\$

$$W_q = \frac{L_q}{\lambda} = \frac{\rho}{\mu(1 - \rho)}$$

\$

4. Número médio de clientes no sistema (fila + sendo atendidos):

\$

$$L = \frac{\rho}{1 - \rho}$$

\$

5. Tempo médio no sistema:

\$

$$W = \frac{1}{\mu - \lambda}$$

\$

Essas fórmulas ajudam a dimensionar sistemas de TI, centrais de atendimento, servidores web, etc.

Fila vs. Outras Estruturas de Dados

Estrutura	Regra de Retirada
Fila (Queue)	Primeiro a entrar, primeiro a sair (FIFO).
Pilha (Stack)	Último a entrar, primeiro a sair (LIFO).
Lista ligada	Não necessariamente segue regras de inserção/remoção — depende da implementação.

Considerações Avançadas

Em filas aplicadas a **concorrência** (threads e processos simultâneos):

- Existem **filas thread-safe** que usam mecanismos de **lock** ou **lock-free** (ex: usando operações atômicas).
- **Filas de múltiplos produtores e múltiplos consumidores** (MPMC queues) são usadas em alto desempenho, onde várias threads colocam e retiram dados da fila.

Em **sistemas distribuídos**:

- Filas podem ser persistidas (armazenadas em disco) e tolerantes a falhas.
 - Filas distribuídas suportam consistência e garantem ordenação de mensagens, dependendo do modelo (ex: AWS SQS vs Apache Kafka).
-

Resumo Final

- **Fila é uma estrutura de dados FIFO.**
 - **Operações principais:** enqueue, dequeue, peek.
 - **Complexidade:** $O(1)$ para todas as operações principais.
 - **Variações:** fila circular, deque, fila de prioridade.
 - **Teoria das filas:** modela comportamento de sistemas em espera com fórmulas matemáticas.
 - **Aplicações reais:** em redes, sistemas operacionais, algoritmos de grafos, sistemas de mensagens e mais.
-

Exemplo de implementação pilha em C

```
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>
```

```

#define MAX 100 // Define o tamanho máximo da pilha

// Estrutura para representar a pilha
typedef struct {
    int itens[MAX]; // Array para armazenar os elementos da pilha
    int topo;       // Índice do topo da pilha
} Pilha;

// Função para inicializar a pilha
void inicializarPilha(Pilha *p) {
    p->topo = -1; // Define o topo como -1, indicando que a pilha está vazia
}

// Função para verificar se a pilha está cheia
int estaCheia(Pilha *p) {
    return p->topo == MAX - 1; // Retorna 1 (true) se o topo atingir o limite máximo
}

// Função para verificar se a pilha está vazia
int estaVazia(Pilha *p) {
    return p->topo == -1; // Retorna 1 (true) se o topo for -1
}

// Função para empilhar (push) um elemento
void empilhar(Pilha *p, int valor) {
    if (estaCheia(p)) {
        printf("Erro: Pilha cheia!\n");
        return;
    }
    p->itens[++p->topo] = valor; // Incrementa o topo e adiciona o valor
}

// Função para desempilhar (pop) um elemento
int desempilhar(Pilha *p) {
    if (estaVazia(p)) {
        printf("Erro: Pilha vazia!\n");
        return -1; // Retorna -1 para indicar erro
    }
    return p->itens[p->topo--]; // Retorna o elemento do topo e decrementa o índice
}

// Função para exibir os elementos da pilha
void exibirPilha(Pilha *p) {
    if (estaVazia(p)) {
        printf("Pilha vazia!\n");
        return;
    }
    printf("Elementos da pilha: ");
    for (int i = 0; i <= p->topo; i++) {
        printf("%d ", p->itens[i]);
    }
}

```

```

    }
    printf("\n");
}

// Função principal para demonstrar o uso da pilha
int main() {
    Pilha p;
    inicializarPilha(&p);

    empilhar(&p, 10);
    empilhar(&p, 20);
    empilhar(&p, 30);

    exibirPilha(&p);

    printf("Desempilhando: %d\n", desempilhar(&p));
    printf("Desempilhando: %d\n", desempilhar(&p));

    exibirPilha(&p);

    return 0;
}

```

Ótimo, vamos aprofundar ainda mais!

Agora vou expandir em algumas direções que normalmente são ignoradas em explicações básicas: vamos entrar na **história das filas**, **filas em teoria de grafos**, **modelagem probabilística geral**, **filas na computação paralela**, **análise assintótica com limite de filas grandes**, e até uma comparação com **autômatos** para você ter uma visão **super completa**.

História e Evolução do Conceito de Filas

O conceito de fila não nasceu diretamente com a Ciência da Computação. Ele surgiu inicialmente na **matemática aplicada**, especialmente na análise de **sistemas de espera** no final do século XIX e início do XX.

- O matemático dinamarquês **Agner Krarup Erlang** (1878–1929) é considerado o "pai" da teoria das filas. Ele desenvolveu fórmulas para calcular a capacidade de centrais telefônicas, preocupando-se com o número de chamadas simultâneas e tempos de espera.
- Depois disso, nos anos 50–60, a teoria se popularizou com o desenvolvimento de sistemas computacionais e redes.

Na **Ciência da Computação moderna**, filas começaram a ser tratadas como uma **estrutura de dados padrão** na década de 1960, quando linguagens como **ALGOL** e **C** começaram a precisar de mecanismos organizados para controle de fluxos de dados.



Filas e Teoria dos Grafos

Filas são absolutamente essenciais em vários **algoritmos de grafos**, especialmente:

Busca em Largura (BFS)

Em BFS, queremos explorar todos os nós de um grafo em **camadas** — primeiro os vizinhos imediatos, depois os vizinhos dos vizinhos, e assim por diante.

Aqui:

- Inicializamos uma **fila** com o nó de partida.
- Em cada passo, removemos o primeiro nó da fila (**dequeue**), visitamos seus vizinhos e **enfileiramos** (**enqueue**) todos os vizinhos ainda não visitados.

Formalmente, o funcionamento da BFS depende da fila para garantir que **a menor distância** (em número de arestas) seja preservada.

BFS tem complexidade:

[
 $O(V + E)$
]

onde (V) é o número de vértices e (E) é o número de arestas.



Modelagem Probabilística: Generalizações

Além do modelo ($M/M/1$) que mencionei antes, há outros sistemas importantes:

Modelo	Descrição
($M/M/c$)	Vários servidores ($c > 1$), chegadas e atendimentos markovianos.
($M/D/1$)	Chegadas markovianas, serviço com tempo determinístico .
($M/G/1$)	Chegadas markovianas, serviço com qualquer distribuição geral.
($G/G/1$)	Tanto chegada quanto serviço com distribuições gerais.

Por exemplo, ($G/G/1$) é muito mais complexo, pois precisamos de métodos numéricos ou simulações para obter tempos médios, variância, etc.



Filas em Computação Paralela e Concorrente

Em ambientes de **alta concorrência** ou **sistemas paralelos**, as filas precisam ser:

- **Thread-safe**: múltiplas threads acessando sem conflitos.
- **Lock-free**: onde tentamos evitar bloqueios para minimizar o overhead.

Exemplo:

Michael & Scott Queue (1996) — uma fila lock-free baseada em listas ligadas com ponteiros atômicos (CAS - Compare And Swap).

O desafio é garantir que as operações de **enqueue** e **dequeue** sejam feitas de forma **atômica**, mesmo com múltiplos threads ou processos agindo simultaneamente.

Esses conceitos são essenciais, por exemplo, em sistemas de processamento de pacotes em redes de alta velocidade, onde filas precisam ser super eficientes.

Análise Assintótica em Filas Grandes

Quando o número de clientes/elementos cresce para o infinito, usamos **teoria assintótica**:

- Analisamos o **tempo de espera** médio e a **taxa de perda**.
- Consideramos **colapso** (quando a utilização (ρ) se aproxima de 1) e surgem fenômenos como **fila infinita** ou **descarte de elementos**.

Exemplo:

Se ($\rho \rightarrow 1$), o tempo de espera médio tende a crescer de forma não linear:

$$W_q \propto \frac{1}{1-\rho}$$

ou seja, basta uma **pequena sobrecarga** para fazer o sistema colapsar.

Filas e Autômatos

Você pode também ver filas como uma "memória estruturada" de alguns tipos de **autômatos**:

- Um **Autômato de Pilha** usa uma **pilha** (estrutura LIFO) para memória auxiliar.
- Um **Autômato de Fila** usa uma **fila** (estrutura FIFO) para memória auxiliar.

Esses autômatos são mais poderosos do que autômatos finitos tradicionais, pois conseguem reconhecer linguagens mais complexas (até algumas linguagens que pilhas sozinhas não conseguiriam).

Na prática, isso se aproxima de sistemas que processam **fluxos ordenados** (como processamento de mensagens em tempo real).

Reflexão Conceitual

O que é realmente uma fila, no sentido profundo?

- **Uma fila é a manifestação de ordem temporal** — ela é a maneira como os sistemas garantem que a sequência de eventos seja respeitada.
- **É uma abstração da causalidade:** o que acontece antes, precisa ser processado antes.

Sem a estrutura de fila, muitos algoritmos fundamentais e sistemas reais simplesmente não conseguiriam manter a coerência.



Conclusão Profunda

Aspecto	Essência
Definição prática	FIFO: estrutura que respeita a ordem de chegada.
Definição teórica	Par ordenado (F, R) sobre um vetor ou estrutura ligada.
Definição matemática	Sistema de eventos discretos, geralmente modelado por processos de Poisson.
Definição filosófica	Representação do fluxo causal de eventos.